

Um gol na Palestina

Pela Palestina

por **IGOR OJEDA**

Um dia, fiz um gol na Palestina. Pela Palestina.

É um tanto confuso de entender, mas aconteceu. Era junho de 2014, às vésperas da Copa do Mundo do Brasil. Uma delegação oficial palestina veio para cá pedir que Israel fosse suspenso da Fifa.

Denunciavam a ocupação e, principalmente, todos os danos que o Estado sionista causava ao futebol na Palestina.

(Tente só imaginar como é praticar o esporte — qualquer um — em meio a constantes bombardeios a instalações esportivas, detenções arbitrárias, interrupções forçadas de jogos, humilhações e esperas prolongadas em postos de controle militarizados e até assassinatos)

No grupo, havia alguns jogadores e ex-jogadores da seleção. Quando passaram por São Paulo, um pequeno número de jornalistas foi convidado a disputar uma partida contra eles. Por sorte, eu estava entre os privilegiados.

"Freedom for Palestinian football", dizia a camiseta que ganhamos de presente. Adorei. Mas estava de olho mesmo na linda camiseta vermelha oficial da seleção que os palestinos vestiam. Esta não estava disponível. Mas eu tinha um plano para o fim do jogo.



GOL DE OJEDA. FOTO: TATIANA MERLINO

No campo, um society no bairro do Limão, foi um vareio. Um, dois, três, quatro, cinco a zero para a Palestina, contra um Brasil representado por jornalistas absolutamente fora de forma. Até que, ao receber a bola vinda de uma cobrança de lateral, fiz o primeiro gol brasileiro. Deu tempo de participar da jogada do segundo antes de ser substituído (ainda bem). Contraditoriamente, um gol na Palestina, no contexto em que foi feito, representou uma pequena contribuição para a causa.

Do lado de fora, esperei pacientemente o fim da partida, quando abordei Roberto "Peto" Kettlun, ex-capitão da seleção, e lhe pedi duas coisas: uma entrevista e sua camiseta, em troca de uma do... Corinthians, que eu havia levado na mochila já com "más" intenções. Ele relutou um pouco, mas enfim cedeu.

De origem palestina, mas nascido no Chile, Peto jogava, na época, no Hilal Al-Quds, time de Jerusalém Oriental. Para mim, ele contou que, uma vez que Jerusalém estava isolada por muros e checkpoints do resto dos territórios palestinos, o clube não podia mandar seus jogos em casa. O próprio Peto, que morava em Ramallah, a poucos quilômetros, não conseguia ir até a sede do time. "A maioria dos palestinos não tem direito de estar em Jerusalém. Portanto, não podemos aguentar mais", desabafou.

Essa situação insuportável, enfrentada tanto pelo futebol palestino quanto pela população em geral, piorou dramaticamente desde então.

Em 8 de julho, exatamente um mês depois da partida amistosa em São Paulo, e no mesmo dia em que o Brasil tomava de 7 a 1 da Alemanha, Israel iniciava mais uma série de bombardeios à Faixa de Gaza, assassinando, ao final de 50 dias, mais de 2 mil palestinos — a grande maioria, civis.



O bloqueio total de Israel à Gaza, que durava então sete anos, só recrudescceu. Assim como as políticas de apartheid israelense na Cisjordânia. Em outubro de 2023, o Estado sionista deu início ao atual genocídio dos palestinos do enclave, como "resposta" aos ataques do Hamas a Israel. Entre as dezenas ou centenas de milhares de vítimas, muitos jogadores de futebol e atletas dos mais variados esportes.



A Fifa, que nada fez em 2014, nada fez agora, 12 anos depois. Israel só não jogará a Copa do Mundo deste ano porque não se classificou dentro de campo. Israel esteve presente nas Olimpíadas de Paris, nove meses depois do início do massacre. E muito provavelmente participará dos jogos de 2028. O COI também nada fez.



Radicalmente diferente do tratamento que havia sido dispensado à Rússia, imediatamente suspensa de competições esportivas internacionais por causa dos ataques à Ucrânia.

Afinal, algumas vidas, como sabemos, valem muito mais do que outras.